

All You Need is Love

Exceções sempre existem e existirão em qualquer área: criança que não gosta de bife com batata frita, adolescente que não gosta de balada, adulto que não gosta de música e pessoas que não gostam de Beatles!



Ticiano Paludo é produtor musical, publicitário, músico, compositor e sound designer <http://www.pontowav.com.br/hotsite>
tpaludo@uol.com.br

Beatles foi uma das primeiras coisas dentro do rock que lembro de ter escutado e, mesmo que na época eu não tocasse nenhum instrumento, me marcou muito, mexeu comigo de uma forma totalmente mágica e especial. Acho que não gostar de Beatles é um dos poucos casos em que “gosto não se discute, se lamenta”.

Fazia algum tempo que pensava em escrever sobre eles, pois foram e são uma influência e referência inegável no meu trabalho. Completando, o que parecia impossível aconteceu: dois álbuns novos dos Beatles, lançados recentemente, mesmo após algumas décadas desde o fim da banda. O primeiro lançamento foi *Let it be Naked*, uma versão diferente do original *Let it Be*, nem melhor nem pior, apenas outra versão com mixagem alternativa, porém, uma delícia para os fãs e admiradores dos quatro rapazes de Liverpool. O pessoal do Cirque du Soleil sacou que seria interessante produzir um espetáculo com as canções do grupo e não só o fez como convocou o genial George Martin para algo totalmente impensado: um remix de vários clássicos. Claro que nesse caso a palavra remix não é utilizada como na e-music, mas sim como uma remixagem e colagem de diversos elementos musicais, criando “novas versões” para as canções.

Eis que surge *Love*, um álbum obrigatório para quem ama os Beatles e para quem deseja conhecê-los melhor (acho que as novas gerações deveriam ouvir esse disco, pois noto que as bandas *teens* que me procuram para trabalhar normalmente pesquisam sonori-

dades, retrocedendo até o início dos anos 90 – na fase áurea do grunge – e se esquecem de clássicos como os Beatles). Muito do que encontramos hoje na estrutura da música pop e do rock se deve a eles: os videoclipes, refrões chiclete, estrutura musical, tudo já estava lá desde o final dos anos 60. Certa vez, escrevi uma coluna em um site musical provando por A+B que tudo de moderno que se intitula novidade atualmente pode ser encontrado em outro álbum genial dos Beatles chamado *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*.

A grande diferença entre o modo de produção daquela época para hoje é que naqueles tempos passados não existiam softwares para colar, recortar e editar áudio. Era tudo feito no osso, com muita criatividade, poucos canais e periféricos disponíveis e muito talento, tanto dos músicos como do produtor George Martin. Esse cara, para mim, é e sempre será o produtor número um do mundo, a maior referência de todas. Claro que, como já disse em outra coluna, uma produção não se sustenta se não estiver apoiada em boas canções. Fenômenos de venda sistemática do tipo *non-stop*, isto é, vendas que estão sempre estáveis mesmo que a banda já não exista – como nesse caso –, normalmente se devem a canções extremamente eficientes. Um bom arranjo e produção sempre contribuem significativamente, mas a chave desse sucesso todo é sem dúvida o conjunto de canções que conseguem emocionar e estimular o ouvinte.

O que mais me impressionou em *Love* foi que a sonoridade das canções é muito atual. Não parecem gravinas com mais

de três décadas e sim algo totalmente contemporâneo, diria até atemporal. Acho que o cuidado com os arranjos também é um fator que chama a atenção: econômico e eficaz.

Atualmente, vivemos em uma era criativa dentro da música onde a colagem e o recorte (traços marcantes da era pós-moderna) são amplamente utilizados. A questão de se fazer algo inédito é muito delicada. Pense, por exemplo, sobre a absurda e infundável quantidade de músicas que falam sobre amor que já foram compostas!!! Chega a ser assustador e causa certo espanto e admiração a capacidade de recombinação que o homem buscou dispondo de poucos elementos (se pensarmos que dispomos de um punhado de notas para compor essa avalanche de canções que nos cercam e que surgem dia a dia de forma ininterrupta, isto sem falar nas letras das canções). Então, neste exemplo citado, a colagem é uma forma muito saudável de reinventar o mundo. Por meio desse recurso, distorcendo, copiando e colando, invertendo, reverberando elementos musicais, criamos um novo sentido para algo que já existia, ou ainda, mostramos um novo prisma, um novo olhar sobre algo que já estava bem ali próximo. *Love* consegue isso e acho um exemplo perfeito para quem deseja se reinventar, recurso utilizado atualmente por muitos artistas como forma de revigorar a carreira artística.

Obviamente que isso tudo exige critério, organização, disciplina e bom gosto para que os resultados alcançados sejam satisfatórios. Existe um álbum do DJ Danger Mouse chamado *The Grey Album*. Este DJ resolveu recortar faixas do álbum branco dos Beatles e misturá-las com recortes do *Black Album* do rapper Jay-Z. O resultado soa rico e interessante, pois quan-

to mais diversas forem as linguagens musicais, mais surpreendente poderá ficar o resultado final.

Existe uma faixa presente em *Love*, que está também no álbum *Taxman*, chamada *Tomorrow Never Knows* que sempre me impressionou e recomendo a sua audição com total atenção. Efeitos

A grande diferença entre o modo de produção daquela época para hoje é que naqueles tempos passados não existiam softwares para colar, recortar e editar áudio

que para nós hoje estão ao alcance de alguns cliques do mouse, naquela época demandavam engenhosidade e experimentalismo (várias vezes as coisas não saíam como o previsto e acabavam sendo descartadas).

Uma das histórias curiosas sobre os métodos de produção de George Martin de que mais gosto é a seguinte: certa vez ele pedia a Paul McCartney que tocasse algumas notas e acordes ao piano de forma lenta e pausada e gravou isso. Após a gravação, sir Martin chamou seu assis-

tente de estúdio e disse para ele retirar a fita de rolo do gravador e pegar uma régua. Mandou, então, que a fita fosse totalmente cortada em vários pedaços de tamanhos iguais, medidos com a régua. Todo mundo no estúdio achou que ele estava louco, mas atenderam ao pedido, mesmo sem entender do que se tratava.

Depois de ter recortado tudo, George disse ao assistente que atirasse todos os pedaços de fita pelo chão e embaralhasse tudo de forma caótica. Então, pediu ao assistente que unisse aleatoriamente os pedaços recortados. Tocando a fita, o que se ouviu foi um resultado muito peculiar.

Eu adoro este exemplo, pois mostra que com criatividade pode-se gerar coisas altamente sedutoras e estimulantes, tanto para os ouvintes como para o artista. Seguidamente utilizo efeitos dentro de propósitos não convencionais, como, por exemplo, usar um *delay* no baixo ou um *overdrive* na bateria. Logicamente que, como falei antes, “fazer loucuras” por fazer não tem cabimento. Devemos usar o bom senso antes de qualquer coisa. E o mais importante: para se quebrar uma regra, devemos conhecê-la. Então, antes de sair fazendo experimentos bizarros (que podem resultar em coisas geniais ou totalmente descartáveis), estude bem os recursos e possibilidades e só depois siga pelo caminho da experimentação. Você vai poupar tempo e frustrações dessa forma. A principal lição disso tudo é que não é o equipamento que faz o trabalho e sim as pessoas. Ou seja, se você souber usar bem o que tem na mão, pode chegar muito longe, mesmo sem possuir o melhor monitor ou pré do mercado. Quer um exemplo? All you need is LOVE!

Abaixo, a indicação de alguns livros e álbuns legais. Abraços, Feliz Ano Novo e bom verão 2007!

Livros e Álbuns

Para ouvir:

- The Beatles - Taxman
- The Beatles – Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band
- The Beatles - Love
- The Beatles - Let it Be Naked
- DJ Danger Mouse - The Grey Album

Para ler:

- George Martin - Fazendo Música: O Guia para Compor, Tocar e Gravar
- George Martin - Paz, Amor & Sgt. Pepper

e-mail para esta coluna:
tpaludo@uol.com.br